

## ENERGIA E COMBUSTÍVEIS

# Empresário contesta Lula e diz que setor já opera em ritmo de apagão

Para presidente da Associação dos Investidores em Autoprodução de Energia, 'o racionamento se faz no preço'

Andrea Vianna

ESPECIAL PARA O ESTADO  
BRASÍLIA

O presidente da Associação Brasileira dos Investidores em Autoprodução de Energia Elétrica (Abiape), Mário Luiz Menel, disse ontem que o setor de energia já opera em ritmo de apagão, diante da alta do custo do megawatt-hora. A entidade reúne gigantes como Vale, CSN, Votorantim e Gerdau.

O empresário rechaçou a afirmação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva de que "a questão energética vive de boatos". Para o empresário, "o racionamento se faz no preço". "Ora, se estamos pagando de cinco a seis vezes mais pela energia, isso já é racionamento. Para mim, pagar cerca de R\$ 600 o megawatt-hora já configura apagão", observou. Segundo ele, há investidores, mas o governo não tem projetos.

Um modelo matemático define o preço da energia no mercado livre, levando em consideração elementos como o volume de chuvas e o crescimento econômico. Quanto maior o risco de escassez, maior o preço. O indicador, medido pela Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE), alcançou o máximo permitido de R\$ 569,59 para todo o País. O valor é quase 20% maior do que os R\$ 475,53 da semana passada.

Menel esclarece que a alta do preço da energia para os produtores não reflete, inicialmente, o alvo preferencial das preocupações do presidente Lula. A alta do preço concentra-se primeiro nas concessionárias de distribuição. "O consumidor poderá sentir as conseqüências por volta de julho, mas os grandes consumidores já estão expostos", alertou.

## PROPOSTAS

Representantes das indústrias do Rio vão levar ao governo no dia 25 a proposta de racionalização de energia no País, com o objetivo de evitar um corte drástico nos meses seguintes. A proposta foi discutida ontem em

## Para diretor da Aneel, solução está a caminho

...O diretor da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) Edvaldo Santana disse ontem que o cenário de turbulência no setor elétrico "está caminhando para uma solução". Segundo ele, essa solução está sendo encontrada por um caminho técnico, por meio do aumento da oferta de energia produzida pelas térmicas.

A afirmação foi feita uma semana após o diretor-geral da agência, Jerson Kelman, ter admitido que há risco de apagão. Santana disse, no entanto, que as autoridades do setor estão preocupadas. "Se não estivessem todos preocupados, não haveria como estarmos caminhando para uma solução." Para ele, a crise atual é "mais fácil de resolver" que a de 2001. "Hoje temos mais flexibilidade devido à capacidade de geração por meio de térmicas a óleo e também à expansão da rede de transmissão." ● LEONARDO GOY

reunião na Federação das Indústrias do Rio (Firjan), com participação de representantes da Petrobrás. Segundo o secretário de Desenvolvimento do Estado, Júlio Bueno, "não serão aceitas medidas locais, e sim nacionais".

"O primeiro passo, que é admitir o risco de falta de energia, nós já tomamos. O segundo passo é o governo federal também admitir o problema para discutirmos um pacto nacional", disse o presidente do Conselho Empresarial de Energia da Firjan, Armando Guedes Coelho.

Bueno, entretanto, ressaltou que estão descartados cortes no fornecimento do gás que atinjam a população. "Se houver falta de energia todos têm de contribuir. Mas isso será resolvido na conversa, e não na força." ● COLABOROU KELLY LIMA



RISCO - A chuva dos últimos dias melhorou a situação dos reservatórios no Sudeste, como este em Minas, mas o Nordeste ainda sofre com a seca

## Governo e indústrias discutem plano para funcionamento de térmicas a óleo

Nicola Pamplona

RIO

A direção do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) reuniu-se ontem com empresas proprietárias de térmicas a óleo e representantes da área energética do governo para discutir o plano anunciado na semana passada para evitar novo racionamento de energia no País. O objetivo é definir a lista de usinas que vão entrar em operação para poupar água nos reservatórios das hidrelétricas.

Os resultados do encontro, que serão apresentados ao Comitê de Monitoramento do Se-

tor Elétrico (CMSE) na próxima quinta-feira, não foram divulgados pelo ONS. A reunião contou com representantes do Ministério de Minas e Energia, da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) e da Petrobrás, além de outras empresas produtoras de energia.

Quinta-feira passada, diante da falta de chuvas, o governo decidiu acionar seis usinas movidas a óleo que ainda estão desligadas e poderiam acrescentar uma potência de 800 megawatts (MW) ao sistema. Um grupo foi criado para avaliar as condições técnicas para o funcionamento das usinas.

Segundo informações do ONS, um grupo de técnicos continuaria analisando as propostas mesmo após o encontro com representantes, em um trabalho que poderia se estender pela noite de ontem. Um dos pontos que merecem atenção, dizem especialistas do setor, é a logística de suprimento de combustíveis às usinas.

Quarta-feira passada, por exemplo, a térmica de Jaguari, na Bahia, gerou metade do volume de energia previsto por causa da menor disponibilidade de combustível.

Térmicas a óleo vêm sendo despachadas na região Nordes-

te desde o fim do ano passado. Lá, o nível dos reservatórios chegou abaixo dos 30%, o que provocou uma ofensiva do governo para evitar maiores reduções. O Nordeste recebe diariamente 2,5 mil MW das regiões Norte e Sudeste, além de contar com a geração de pouco mais de mil MW por usinas térmicas. Na segunda-feira, o nível dos reservatórios da região estava em 27,2%. O volume de chuvas continua baixo, em torno de 45% da média histórica.

Nas regiões Sudeste e Centro-Oeste - onde estão dois terços da capacidade de armazenamento de energia do País - o nível dos reservatórios subiu pelo terceiro dia seguido, após semanas em queda. Segundo dados do ONS, a alta na segunda-feira foi de 0,1 ponto porcentual. Desde sábado, acumula 0,4 ponto porcentual. ●

CELIO MESSIAS/AE-10/1/2008